

1 INTRODUÇÃO

Quanto mais gosto da humanidade em geral, menos aprecio as pessoas em particular, como indivíduos. (F. Dostoievski).

Hoje encontrei dentro de um livro uma velha carta amarelecida,
Rasguei-a sem procurar ao menos saber de quem seria...
Eu tenho um medo
Horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com
Meus sucessivos cadáveres amarrados aos mastros e gáveas...
Ai de mim,
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!
(*A Carta* de Mario Quintana)

A preocupação em estudar a emergência do sujeito no processo de ensino e aprendizagem, tema em pauta, se constituiu ao longo do percurso de desenvolvimento acadêmico, de modo especial, após a vivência com o Grupo de Estudo e Pesquisa na Atividade Pedagógica (GEPAPE), o que coincide com a vinda para a cidade de São Paulo – SP, no início de 2007. Nos anos anteriores, década de 90 e os dois primeiros anos do novo milênio, destaca-se a formação teológica-seminarística, por estar no Seminário e pelo desejo inicial de ser sacerdote. A visão de mundo se modificou ao longo dos anos de formação, de modo especial, após o percurso da graduação em Filosofia (1999-2002), sob a influência dos então professores do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo (UPF). No período seguinte, em que há o desligamento do seminário, passa-se a cursar o Mestrado em Educação, na mesma universidade, bem como trabalhar com o programa de Filosofia para Crianças na rede de escolas municipais da cidade de Passo Fundo – RS. Estas duas experiências, teórica e prática, combinaram-se de forma a delinear o percurso seguinte das pesquisas do autor, de modo especial, o contato teórico com as obras dos autores da Escola de Vigotski.¹

Isso possibilitou, logo de início, entender os problemas e questionamentos propostos nas escolas, tanto no sentido dos conteúdos, quanto no das metodologias utilizadas. O

¹ Fez-se a opção pela grafia aportuguesada do nome de Vigotski. Esse é um problema comum de tradução (transliteração), uma vez que se trata de autor originário de localidade em que se utiliza outro alfabeto, no caso, Cirílico (Russo). Assim, a transliteração adequada para Лев Семёнович Выготский parece ser Liev Semenovitch Vigotski. Outras grafias do sobrenome encontradas são i/i, i/y, y/i, y/y, i/ii ou y/ii.

arcabouço teórico adotado ofereceu respostas que se consideram adequadas para os diversos problemas práticos ou existenciais que se possuía na ocasião. O enfrentamento desses problemas, contudo, manifestou-se em alto relevo no doutoramento, quando se buscou uma sistematização de como é possível formar os indivíduos, no sentido de tornarem-se humanos, no que concerne a pertencer ao gênero humano, com autodomínio da conduta e atenção voluntária.

Não se retoma aqui as origens da problemática da pesquisa, pois se compreende que isso ficará explícito no último capítulo de nossa pesquisa, no qual consta uma análise da vivência do pesquisador, da história de vida pessoal e as conclusões gerais a respeito da pesquisa. Apenas se ressalta, por ora, a necessidade de compreender todo e qualquer desenvolvimento humano como engendrado na e pela atividade a qual os indivíduos participam. Ou seja, conforme Leontiev (1978), não se nasce com psiquismo humano, ou ele não é dado no ato do nascimento, nem é resultado do amadurecimento orgânico. Trata-se de algo a ser constituído ao longo da vida, na proporção em que os indivíduos se apropriam da estrutura da atividade objetivada nos distintos tipos de produção humana. De outra forma, cabe destacar, as visões de mundo que se tornam particulares, próprias de cada indivíduo tornado sujeito, bem como as problemáticas de enfrentamento cotidiano, são o resultado objetivo da apropriação da cultura possibilitada pela inserção em determinadas atividades.

No percurso da pesquisa, se tornam evidentes, no sentido da consciência adquirida, outros postulados da obra de Leontiev (1978), isto é, o fato de que numa sociedade de classes existe a impossibilidade do desenvolvimento pleno das funções psicológicas superiores, pois se é alambrado pelos processos de alienação presentes na sociedade capitalista. Outra afinidade está dada pela ideia de sedução do “Canto da Sereia”, tese de Adorno e Horkheimer (1985), no que se refere à ocorrência da inserção do indivíduo numa sociedade regida pelas leis do mercado onde a cultura passa a ser um negócio de exploração de forma sistemática e programada. Em tal situação, por exemplo, o que era um processo de lazer, torna-se um meio passível de exploração. No sentido do termo utilizado, a saber, Indústria Cultural, o homem ganha um “coração-máquina” que, seduzido pelo dinheiro (“Canto da Sereia” em analogia com Ulisses), agirá segundo a ideologia dominante, ou seguirá os caminhos do trabalho que lhe proporciona o mesmo na vã expectativa de que conquistará sua liberdade, autonomia. Na vivência do pesquisador, em anos de doutoramento, isto tem apenas uma consequência: priva o indivíduo do tempo e das condições necessárias para a apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade.

Assim a problemática de pesquisa tem como pano de fundo, implicitamente, outra questão: é possível em uma sociedade com tais condições tornar-se sujeito, com autodomínio da conduta, atenção voluntária, desenvolvido no que cabe às funções psicológicas superiores? É possível passar – quiçá, o maior problema do processo escolar, no que tange ao conhecimento científico – de uma apropriação apenas parcial da cultura depositada nas produções humanas, para um desenvolvimento pleno do homem?

Dar resposta cabal a este problema não é a intenção, devido às limitações constitutivas do pesquisador. Recorta-se uma parte, apenas, da qual se retém o problema desta pesquisa: centra-se na *busca pela definição das contingências que contribuem para a constituição dos sujeitos de uma atividade*. As contingências procuradas são aquelas situações ou momentos nos quais seja permitida a emergência do sujeito. Contingências podem ser definidas como sinais, embora não quaisquer sinais, mas aqueles que mostrem a constituição do sujeito enquanto um ser que age intencionalmente, por vontade própria e, possui consciência de classe. De outra forma, a pergunta-tese é: *quais as contingências que fazem com que um indivíduo (humano, sem dúvida) se torne um sujeito?*

Sujeito considera-se o indivíduo que, em atividade, planeja a sua ação antecipando-a em sua mente. Mais do que isso, somente é sujeito àquele que possui a consciência de classe (Vigotski, Lukács e outros), ou que possui conduta (comportamento) voluntária. Portanto o sujeito é sujeito da atividade quando está de posse de um modo geral da ação e planeja, utilizando-se de uma concepção de mundo, pautado não no imediato, mas sim no pensamento teórico (esquemas estratégicos). Em outras palavras, sujeito é aquele que se apropriou da cultura, pois transformou o modo natural (biológico) de ser em uma existência consciente, culturalizada:

A cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis nos sistemas de comportamento humano em desenvolvimento. [...] No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e os procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento, especificamente culturais (VYGOTSKI, 1995, p. 34).

Considera-se como emergência do sujeito, nessa perspectiva, aquele processo pelo qual a simplicidade se transforma em complexidade, isto é, a emergência de uma forma de comportamento ou qualidade nova do indivíduo (ação planejada e intencional) aparece quando uma determinada quantidade de indícios (determinantes do que surge) simples, entrelaçados entre si, provoca uma reação tal que o efeito surte inevitavelmente. Reiterando,

tal efeito se manifesta como uma propriedade mais complexa, uma nova unidade, uma organização diferenciada, representa um novo nível, uma nova combinação.

Na mesma direção, uma vez encontrados esses indícios, sinais, das interações entidárias, será possível trabalhar na perspectiva de tornar esse comportamento emergente (desejável) previsível e, portanto, controlar as interações de modo que a sua emersão seja necessária, isto é, aconteça de forma planejada e intencional. Essas estruturas emergentes podem ser encontradas tanto nos fenômenos naturais, quanto nos fenômenos sociais. Um exemplo disso é a teoria da evolução, em que se considera que os indivíduos são os componentes de uma determinada população e, também, são os mesmos que sofrem as mutações (pontuais), contudo, a organização mínima para a evolução, o substrato mais importante, não é o próprio indivíduo, mas sim a população, pois a evolução (origem de uma nova espécie) somente acontece na proporção das mudanças que os indivíduos de toda a população sofrem de geração a geração.

O comportamento emergente, e desejável, do indivíduo para o sujeito, somente poderá acontecer, não de forma isolada, em mutações ou mudanças isoladas, mas no coletivo. Em outras palavras, uma nova qualidade de comportamento exige a coletividade (conceito populacional, na teoria da evolução) para se expressar e, nesse caso, será a atividade, ação, do mesmo inserido no trabalho coletivo que propiciará tal resultado. Portanto, o sujeito somente se torna sujeito em atividade coletiva (atividade que liga diversos indivíduos entre si).

A emergência do sujeito – passagem do indivíduo para sujeito – pode ser pensada a partir da imagem de um indivíduo, ou alguma coisa, imersa no mar, vagando a esmo, Tateando, sem destino ou direção, nas profundezas, isolada, em silêncio e que, de repente, ou gradualmente emerge, vem à tona. No primeiro caso (de repente), trata-se de algo imprevisível, imprevidente, cujos indícios, pela rapidez do acontecimento, passam, na maioria dos casos, sem que se consiga captar. Num processo, momento seguinte (gradual), contudo, pelo procedimento ser mais lento, é possível visualizar melhor estes indícios. Tanto em um caso, quanto em outro, o processo sendo repentino ou não, na medida em que é possível criar uma cópia digital do evento, filmagem, por exemplo, há recursos disponíveis o bastante para que se possa rever o fenômeno repetidas vezes, bem como “congelar a imagem”, recortar episódios, pequenos trechos etc, a fim de que a análise se processe com certa tranquilidade. Filmagem com gravação de imagem e voz, bem como gravações de áudio é o recurso que se utiliza para a parte empírico-experimental.

As questões da vida concreta do pesquisador e a problemática acima, conduziu a busca por referenciais teóricos para o entendimento do que seria o sujeito em atividade, de modo

especial, quais seriam as características desse sujeito e o que é possível esperar do mesmo no bojo das relações sociais estabelecidas. Todos os referenciais buscados eram ponderados sempre no sentido da possibilidade de se aproximarem, minimamente, das teses do marxismo, em algum grau, próximas das teses dos autores da Escola de Vigotski. Quando outros autores, por ventura aparecem, estarão ocupando o lugar da análise crítica que se faz dos mesmos, ou então, mostra-se como esse tipo de pensamento surgiu dentro de determinado contexto. O essencial dos autores escolhidos foi balizado, ainda, por um segundo motivo: referências que pudessem fazer frente ao processo de naturalização (tornar biológico) e individuação daquilo que é histórico e cultural. Procurava-se por explicitações dos condicionantes históricos que modelam o modo de existir dos indivíduos e, das possibilidades de superação de um processo de atividade pedagógica que tende a reproduzir o modelo social dado.

Entende-se que o primordial é mostrar como as reações individuais, os sujeitos surgem a partir da vida coletiva. Os pesquisadores que atuam no sentido de derivar o comportamento coletivo a partir do individual, ou que procuram identificar como os indivíduos mudam suas respostas na vivência coletiva, cumprem apenas um papel no segundo nível de desenvolvimento. A procura pelos aspectos genéticos, no sentido de serem os primeiros e originários, conforme Vigotski (1997a), está em perguntar pela origem dos mesmos e, não exatamente, estudar o processo de como se modificam, ou de como o comportamento de vários indivíduos se imbricam na coletividade. Por esse fato, procuram-se, em nosso trabalho, enfaticamente pelos aspectos genéticos da emergência do sujeito e, também, pelos aspectos de segunda ordem, isto é, aqueles elementos que levam os indivíduos a modificarem suas respostas na vivência coletiva.

Para isso, após ter feito o aporte teórico, pesquisa bibliográfica, no primeiro capítulo, retrata-se, no segundo, como grandes intelectuais, alguns que se tomou como exemplo, ao longo da história, emergiram como sujeitos e representantes de determinado pensamento. Para esta empreitada, separou-se o período histórico conforme foram surgindo formas diferenciadas de visões de mundo. Apresentam-se três visões de mundo: uma essencialista, que acompanha a humanidade desde os primórdios do processo pelo qual aparece o gênero humano; outra naturalista, denominada também por existencialista, que surge a partir do século XV, com o Renascimento, dentre outros tantos fatos históricos; e, por fim, a concepção dialética, mais tardia, que terá sua vez, de modo especial, a partir de Karl Marx e demais marxistas. É esclarecedor, nesse âmbito, aquilo que diz Caio Prado Júnior (2004, p. 357):

Ideias são matéria que nunca falta: há-as sempre de todos os naipes e para todos os gostos. E se pararmos nelas sem procurar diretamente os fatos que as inspiram,

ficamos na impossibilidade de explicar porque, de um momento para o outro, uma destas ideias e não outra qualquer, ganha impulso, se alastra, vence e acaba se realizando.

As ideias dos autores que expusemos, nessa perspectiva, apenas devem servir como sinais da realidade que está por baixo, na proporção em que revelam aquilo que as provoca, isto é, na medida em que mostra o quanto os sujeitos são originários das condições da atividade concreta em que estão inseridos. Sendo assim, é o conjunto de caracteres econômicos, culturais, sociais e políticos que constituem a estrutura da atividade da qual o sujeito se apropria.

No terceiro capítulo, se encontra a busca pela emergência do sujeito na atividade pedagógica, isto é, em um experimento didático, formativo, direcionado. Busca-se por aquelas condições do ensino organizado (experimento didático) na qual o estagiário, do curso de pedagogia e dos cursos de licenciatura em geral, está inserido e que o torna um sujeito-docente, um professor com capacidade de conduzir, por sua vez, um processo de ensino de forma intencional e planejada. Os estagiários participaram, por um semestre, nas atividades de ensino do Clube de Matemática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de Moura. Os dados coletados são resultados das anotações do pesquisador, enquanto observador, do relatório dos estagiários e de gravações de áudio e vídeo das atividades ou “aulas ministradas” pelos mesmos. Como de praxe, o Clube de Matemática recebe alunos da Escola de Aplicação que estão nos anos iniciais. Um grupo de estagiários é designado para acompanhá-los no clube sendo orientados para que processo de ensino seja conduzido de forma lúdica, isto é, com atividades lúdicas nas quais esteja inserido conteúdo matemático.² É com essa intenção que se planeja uma Atividade de Circo na qual possa estar contemplado o conteúdo matemático. Portanto, o que se analisa é a forma como os estagiários se apropriam de um modo geral de ação na condução da atividade pedagógica.

Ademais, esse processo é conduzido pela possibilidade de estranhamento, isto é, no sentido de entender que o conhecimento que se apresenta como análise de um experimento concreto, foi sendo produzido e gestado pela humanidade ao longo dos tempos e, por isso, faz parte da apropriação social do pesquisador. A atividade de sistematizar, responder as demandas postas como problema e objetivo inicial, somente fazem sentido se, em que pesem as conotações pessoais, o mesmo for tomado como social.

² Cabe destacar que a intenção da atividade lúdica não é ser apenas algo agradável, ou mais fácil, mas no sentido de como se passar para um nível qualitativamente superior no processo de ensino e aprendizagem sem que pese uma forma de ensino tradicional de memorização e assimilação passiva do conteúdo.

A análise psicológica desta atividade põe em relevo sua enorme complexidade. Não aparece repentinamente, senão lenta e gradualmente, ascendendo desde formas mais elementares e simples a outras mais complexas, adquirindo, em cada escalão de seu crescimento, sua própria expressão [...]. Mais adiante não se compartimentaliza na conduta do homem, senão que se mantém em dependência imediata de outras formas de nossa atividade e, especialmente, da experiência acumulada (VIGOTSKI, 2003a, p. 15).

O momento em que se vive parece o da apreensão aligeirada, de poucos processos reflexivos radicais, desfavorável ao conhecimento teórico profundo, fruto de um momento pós-modernista em que o uso da razão é criticado. O sabor da prática é dissimulado no conhecimento discursivo, no prazer da narração, do metafórico, mas não da concretude dos fatos cotidianos. Se a prática parece impotente, precisa-se então, compreender as razões do suposto fracasso, a fim de que se possa não somente viver, mas ter ensejos para continuar vivendo e enfrentando a labuta diária. Assim, na análise que se procede do experimento, é, uma vez mais, a teoria que direciona os holofotes e à prática cabe à possibilidade de ilustrar o quanto o pensamento tomou o caminho certo, ou até equivocado, no momento em que se planejava a ação pedagógica.

Num último capítulo, se apontam na vivência pessoal do pesquisador aqueles elementos, sinais, que conjecturam o conjunto de condições para a emergência do mesmo como sujeito. Nesse momento, não é possível controlar todas as variáveis que, na vivência pessoal, interferiram para gestar o sujeito, assim como propunha Skinner (1978). Destaco apenas a lembrança de que sob a intencionalidade de meus tutores, inicialmente meus pais, depois professores, de modo especial no mestrado Prof. Dr. Jaime Giolo e, no doutoramento, Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de Moura, fui me formando enquanto sujeito, a ponto de tomar consciência do processo, ao qual estava submetido sob suas intencionalidades, apenas no fim de cada período. Mais do que isso, o reconhecimento de que em todas essas situações as marcas culturais de pensamento ficaram arraigadas, quiçá, mais do que meus próprios genes. Foram eles que me colocaram, reitero, de forma planejada e intencional, no contexto da atividade pedagógica a fim de que eu me apropriasse das condições culturais do gênero humano. As contribuições específicas de cada um, bem como as contingências de mundo das quais emergi devem aparecer na análise posta neste último capítulo.